DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

FOTO-ELICITAÇÃO COMO PROPOSTA PARA REORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS ESCOLARES: O CASO DO ATELIÊ

PHOTO-ELICITATION AS A PROPOSAL FOR REORGANIZING SCHOOL SPACES: THE CASE OF THE ATELIER

FOTO-ELICITACIÓN COMO PROPUESTA PARA LA REORGANIZACIÓN DE ESPACIOS ESCOLARES: EL CASO DEL ATELIER

Tamara Insauriaga Bueno[1]
Erika Leite Cardoso[2]

RESUMO:
Este estudo tem como objetivo explorar o uso da foto-eliciação como uma ferramenta metodológica nas escolas para reorganizar espaços educacionais, como o ateliê. Através de uma revisão da literatura e materiais complementares, a pesquisa questiona como as imagens são utilizadas no cotidiano escolar e seu impacto na educação. O artigo descreve a criação do ateliê e conta com entrevistas realizadas com quatro professoras. Ao fim, indica-se que a foto-eliciação foi uma ferramenta valiosa para documentar a organização do espaço escolar do ateliê, permitindo que as professoras interpretassem e discutissem o ambiente escolar. Este método provou-se eficaz para conectar experiências individuais com reflexões coletivas, oferecendo uma abordagem promissora para pesquisas futuras sobre a formação estética e a identidade docente.

Palavras-chave: foto-elicitação; ateliê; espaços escolares.

ABSTRACT:
This study aims to explore the use of photo-elicitation as a methodological tool in schools to reorganize educational spaces, such as the atelier. Through a literature review and complementary materials, the research questions how images are used in the school context and their impact on education. The article describes the creation of the atelier and includes interviews conducted with four teachers. In conclusion, it is suggested that photo-elicitation was a valuable tool for documenting the organization of the school's atelier space, allowing the teachers to interpret and discuss the school environment. This method has proven effective in connecting individual experiences with collective reflections, offering a promising approach for future research on aesthetic formation and teacher identity.

Keywords: photo-elicitation; atelier; school spaces.

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. É graduada em Pedagogia pela UFPel. (2021). Participa do Grupo de Pesquisa Laboratório de formação docente e reconhecimento das infâncias (LabForma/CNPq - UFPel). E-mail: tibueno13@gmail.com.
[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE - UFPel). Pedagoga pela Universidade Federal de Pelotas. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação Docente e Reconhecimento das Infâncias (LabForma/CNPq - UFPel). E-mail: erikaaleitee@gmail.com

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

RESUMEN:
Este estudio tiene como objetivo explorar el uso de la foto-elicitación como una herramienta metodológica en las escuelas para reorganizar espacios educativos, como el atelier. A través de una revisión de la literatura y materiales complementarios, la investigación cuestiona cómo se utilizan las imágenes en la vida cotidiana escolar y su impacto en la educación. El artículo describe la creación del atelier y cuenta con entrevistas realizadas a cuatro profesoras. Al final, se indica que la foto-elicitación fue una herramienta valiosa para documentar la organización del espacio escolar del atelier, permitiendo que las profesoras interpretaran y discutieran el entorno escolar. Este método demostró ser eficaz para conectar experiencias individuales con reflexiones colectivas, ofreciendo un enfoque prometedor para futuras investigaciones sobre la formación estética y la identidad docente.

Palabras-clave: foto-elicitación; atelier; espacios escolares.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"Somos essencialmente criaturas de imagens, figuras."
(Alberto Manguel, 2001)

A presente escrita tem como objetivo refletir sobre o uso da foto-elicitação nas escolas, explorando seu potencial enquanto ferramenta metodológica para a reorganização dos espaços educacionais, especificamente do ateliê escolar. Para embasar as discussões aqui apresentadas, realizamos uma ampla revisão de literatura sobre o tema, considerando as principais leituras e debates acadêmicos existentes, além da análise de materiais complementares elaborados especificamente para este estudo.

Alberto Manguel (2001) reflete sobre o fato de sermos criaturas de imagens, ressaltando como essas imagens, que permeiam nosso cotidiano, não apenas refletem o que somos, mas também moldam nossa constituição enquanto sujeitos. Segundo Manguel, há uma interdependência entre as imagens e o pensamento humano, retomando a ideia aristotélica de que "todo processo de pensamento requeria imagens" (Manguel, 2001, P. 21). Com base nessa premissa, este trabalho parte da constatação de que as imagens possuem uma influência inegável sobre nossas escolhas, nossas percepções e, inclusive, sobre a forma como nos constituímos no mundo. A problemática da pesquisa, portanto, surge da seguinte questão: como trabalhamos com as imagens no cotidiano escolar? Buscamos problematizar e tensionar a maneira pela qual nos relacionamos com as imagens que compõem o ambiente escolar, refletindo sobre seu impacto na formação e na prática educativa.

Nessa perspectiva, trazemos a foto-elicitação, que é descrita por Banks (2009, p. 89) como um método que "envolve o uso de fotografias para evocar comentários, memória e discussão no decorrer de uma entrevista semiestruturada". Banks sugere que as imagens, ao

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

atuarem como uma terceira parte neutra na interação (entrevistador - entrevistado - fotografias), têm o poder de amenizar possíveis tensões e silêncios, bem como de estimular a participação do entrevistado, especialmente em casos de timidez ou hesitação. Além disso, o autor destaca a importância da polivocalidade, ou seja, a diversidade de perspectivas e fontes das imagens utilizadas, um aspecto que se mostrou fundamental nas escolhas metodológicas realizadas ao longo deste trabalho.

Complementando essas reflexões, Filho e Berino (2014) discutem as complexidades e desafios de realizar pesquisas no cotidiano escolar, propondo a criação de novas abordagens metodológicas que combinem as evidências de fontes convencionais com os "acontecimentos fugazes do cotidiano" (p. 231). Para os autores, as imagens se apresentam como ferramentas poderosas, capazes de circunscrever o ambiente escolar e revelar aspectos que o olhar habituado ou endurecido tende a ignorar, permitindo uma leitura mais profunda e sensível da cultura escolar. As imagens, assim, abrem caminho para novas formas de ver e interpretar a rotina escolar, propondo um olhar que vá além da superfície.

A sinfonia das vozes de Banks (2009) e Filho e Berino (2014) oferece uma proposta metodológica alternativa para a pesquisa com imagens no contexto escolar. Enquanto Banks nos apresenta as imagens como catalisadoras de novas possibilidades de reflexão, Filho e Berino as posicionam como janelas para os detalhes ocultos do cotidiano escolar, acessíveis apenas àqueles que realmente vivenciam e experimentam esse espaço. Desse modo, o uso da foto-elicitação em pesquisas educacionais emerge como uma poderosa estratégia para desvendar as múltiplas camadas e complexidades que compõem o dia a dia das escolas, revelando aspectos até então negligenciados pela pesquisa tradicional.

A organização da presente escrita dar-se-á da seguinte forma, na sequência, apresentamos a proposta do ateliê, refletindo sobre o que é esse espaço, qual sua função e apresentando uma versão inicial do croqui (esboço simples que apresenta visualmente uma ideia de forma simplificada) que inspirou a construção do espaço na escola. Após, apresentamos as novas possibilidades de organização do espaço que surgiram por meio da união da foto-elicitação com as entrevistas. Ao fim, fazemos uma contextualização do projeto de pesquisa que deu origem à presente escrita e recuperamos algumas das ideias principais do trabalho.

A PROPOSTA DO ATELIÊ: OS CAMINHOS DA PESQUISA

> “Formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço”

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

(Alberto Manguel, 2001)

Nesta parte da escrita, apresentamos/retomamos algumas questões acerca do passo a passo da pesquisa. Torna-se necessário destacar que a presente escrita se caracteriza também como um primeiro esforço de utilizar a foto-elicitação como proposta metodológica, assim, eventuais ausências, falhas e erros podem, e provavelmente serão, encontrados por olhos mais atentos, por olhos que "conseguem ver" aquilo que, na euforia de uma primeira experiência, passam despercebidos. Na sequência, aprofundamos o conceito de ateliê que é base da presente escrita, tendo como principal referência a obra "O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração em Reggio Emilia" (Gandini *et al.,* 2019). Também apresentamos o primeiro croqui feito para o espaço do ateliê.

Partimos de uma compreensão ampliada do conceito de ateliê, que configura tanto a maneira como os espaços foram idealizados quanto a forma como eles se apresentam no texto. Entendemos o ateliê como mais do que uma simples oficina; ele é um espaço dinâmico, dotado de um acervo de materiais diversos, que oferece suporte às investigações realizadas pelas crianças nos diferentes ambientes da escola. O ateliê não é apenas um local de produção artística, mas um verdadeiro laboratório de pesquisa, onde as crianças podem explorar suas motivações e teorias, familiarizando-se com uma linguagem que vai além do verbal, abrangendo formas de expressão não verbais. Nesse sentido, o ateliê é um espaço de experimentação, no qual se exploram diferentes instrumentos, técnicas e materiais, fomentando tanto os itinerários lógicos quanto os criativos (Gandini *et al.*, 2019).

A partir dessa concepção, o ateliê é visto como um propulsor de explorações, investigações e aprendizagens, possibilitando que as crianças exercitem sua curiosidade em um ambiente que valoriza sua autonomia e capacidade investigativa. No entanto, reconhecemos que, durante o processo de planejamento e configuração do espaço, nos deparamos com algumas limitações e incoerências. O acervo de materiais era restrito, uma vez que muitos itens foram obtidos por meio de doações, o que nos levou a adotar estratégias criativas na reorganização do espaço. Optamos por reconfigurar certos locais dentro da sala do ateliê, realizando um primeiro movimento de transformação do espaço escolar na Educação Infantil.

Essa compreensão ampliada do ateliê, aliada às nossas restrições materiais, foi fundamental para esclarecer os delineamentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Ao tornar evidente o ponto de partida, buscamos demonstrar de forma clara e ordenada como o ateliê foi utilizado não apenas como um espaço físico, mas como um espaço pedagógico vital,

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

onde as crianças puderam vivenciar experiências formativas significativas. O ateliê, assim, se transforma em um campo fértil para a aprendizagem, onde a criatividade e o raciocínio lógico coexistem, proporcionando às crianças a oportunidade de se expressarem de maneiras múltiplas e inovadoras, rompendo com as limitações impostas por uma abordagem mais tradicional de ensino.

Nesse sentido, as reflexões de Manguel (2001) sobre como uma única imagem pode ser alvo de múltiplas interpretações nos ajudam a entender a complexidade desse espaço. Ele exemplifica com painéis medievais que geravam inúmeras narrativas e com os tênis da Nike, lançados em 1999, cuja logomarca estilizada provocou reações de grupos islâmicos por sua semelhança com a escrita de "Alá" em árabe. Algo semelhante ocorreu com o croqui inicial do espaço do ateliê, que, a partir de uma única imagem, suscitou diversas interpretações e questões levantadas pelas quatro pedagogas participantes da pesquisa. Suas observações variaram desde dúvidas e sugestões até a imaginação de possíveis cenários e usos para o espaço. Isso nos remete à ideia de Manguel (2001) de que as imagens e narrativas se constroem em espaços-tempos específicos, refletindo as múltiplas possibilidades que emergem de uma única representação visual.

Neste ponto, rememoramos o trabalho de Carvalho e Immianovsky (2017, p. 224), cuja proposta de “pensar o delineamento metodológico mais como processo do que produto” inspirou e amparou a quimera que sustenta o percurso metodológico trilhado. A crítica dos autores à “metodolatria” e a defesa de que os “modos de pesquisar podem ou são verdadeiros processos criativos individuais.” (Carvalho e Immianovsky, 2017, p. 224), em alguma medida, legitimou o percurso aqui trilhado.

Para iniciar o trabalho, foram realizadas quatro entrevistas com quatro pedagogas, formadas na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Como critério para a seleção das participantes, levou-se em consideração (1º) a disponibilidade, tendo em vista que cada entrevista teve uma duração média de 40min (2º) a formação ter ocorrido na UFPel, uma vez que o curso de Licenciatura em Pedagogia aborda as Pedagogias Participativas, assim as participantes possuem um conhecimento básico sobre a proposta do ateliê e (3º) a relação já existente entre as entrevistadoras e as entrevistadas, uma vez que a confiança que já existe entre os pares torna mais fácil abordar determinados tópicos.

Enquanto reflete sobre a polivocalidade das imagens, Banks (2009) adverte-nos dos perigos de uma entrevista onde entrevistador e sujeito não possuem um vínculo direto com as fotografias utilizadas, o que pode fazer com que as intenções da pesquisa não fiquem claras

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

para os sujeitos. Por conta das observações do autor, ainda que já existisse uma relação entre as pesquisadoras e as participantes da pesquisa, as entrevistas se dividiram em 4 momentos com focos específicos que foram explicados para as participantes. Cabe destacar que as participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que apresentava de forma clara os valores, objetivos e questão problema da pesquisa, assim como a cautela ética no armazenamento e divulgação de dados, o anonimato das participantes, o cuidado ético na análise e interpretação dos dados, os riscos e benefícios da pesquisa, entre outros.

1º momento - Contextualização da pesquisa

Ao serem convidadas para participar deste trabalho, as participantes foram informadas do tema da pesquisa, seu objetivo e metodologia, apesar disso, realizou-se uma breve recuperação da proposta, dando ênfase para o objetivo do trabalho. Na sequência, rememorou-se com as participantes algumas questões pontuais sobre o ateliê e abriu-se um espaço para eventuais dúvidas ou questionamentos. Para isso, teve-se como base, principalmente, a obra "O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia" de Gandini (*et al.,* 2019).

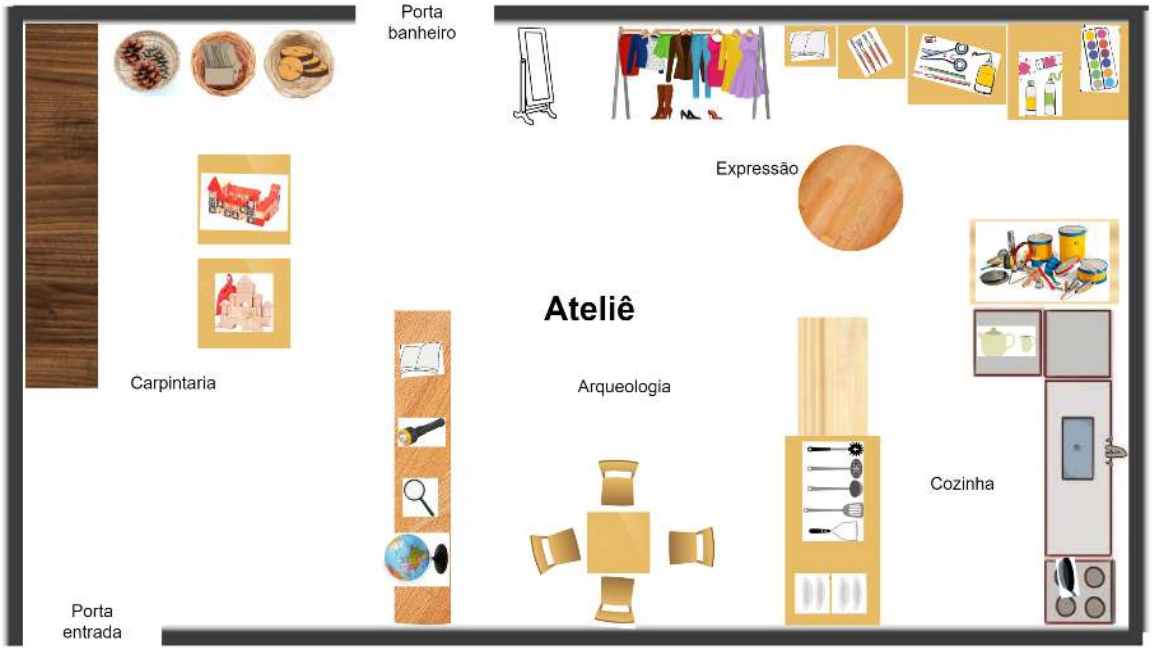
2º momento - Croqui inicial X O espaço do ateliê

Apresentou-se para as participantes o croqui inicial (1 imagem), contextualizando os materiais que, inicialmente, foram pensados para cada espaço.

Imagem 1: Croqui inicial

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Destacamos que todos os materiais que foram utilizados, foram frutos de arrecadações da comunidade escolar em questão e das pessoas envolvidas na construção do projeto. Em seguida, apresentamos o ateliê que foi construído na escola (Imagens 2, 3, 4, 5, 6 e 7), contextualizando como se deu a construção desse espaço e, posteriormente, enfocando as semelhanças e diferenças entre o croqui inicial e o ateliê construído na escola.

Imagem 2 e 3: o espaço do ateliê



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Imagem 4 e 5: o espaço do ateliê

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Imagem 6 e 7: o espaço do ateliê



Fonte: Acervo das autoras (2021)

3º momento - As imagens das crianças

Na sequência, foram apresentadas para as participantes fotos das crianças utilizando o espaço do ateliê (Imagens 8, 9, 10, 11 e 12). Os registros foram feitos pela professora responsável pela turma do pré-escolar II, que foi informada sobre o uso das imagens para a realização do presente trabalho[3]. Realizou-se a contextualização da turma, da escola e uma reflexão sobre o "universo menor" (Filho e Berino, 2014, p. 230) que estava presente nas imagens.

Imagens 8, 9 e 10: as crianças no ateliê

[3]As imagens apresentadas neste trabalho foram utilizadas com o cuidado de preservar a identidade das crianças, tendo seus rostos cobertos para garantir sua privacidade e proteção, conforme diretrizes éticas de pesquisa.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Imagens 11 e 12: as crianças no ateliê



Fonte: Acervo das autoras (2021)

4º momento - Refletindo sobre as imagens

Neste momento das entrevistas, foram feitas perguntas direcionadas às participantes com base nas imagens apresentadas, com o intuito de fomentar reflexões e análises mais profundas. Algumas das questões incluíram: Com base nas imagens, qual espaço você acredita que foi mais utilizado pelas crianças? O que poderia ser feito de forma diferente? Há algum espaço que, na sua opinião, precisa ser repensado ou replanejado? Quais modificações você considera necessárias? Existe algum material que poderia ou deveria ser realocado?

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

O tempo médio estimado para cada etapa das entrevistas foi de aproximadamente dez minutos. Apesar de seguirmos um roteiro pré-definido com perguntas programadas e todas as participantes terem acesso às mesmas imagens, apresentadas na mesma ordem, cada entrevista seguiu um percurso singular, gerando reflexões únicas e específicas. Leonor Arfuch (2006, p. 76), ao refletir sobre os "poderes das imagens", aponta o “poder creador, instituyente, de persuasión, de veridicción, de perturbación, de identificación…”, elementos que, de fato, se manifestaram durante as entrevistas. As imagens evocaram diferentes reações em cada participante, revelando tanto o impacto emocional quanto o potencial analítico que elas carregam.

Observou-se, em particular, a "autoridade" atribuída aos registros feitos pela professora da turma, apresentados às participantes no terceiro momento das entrevistas. Esses registros foram percebidos como "incontestáveis" devido à sua origem e autenticidade, reforçando a confiança das participantes nas informações ali contidas. Além disso, o poder de persuasão das imagens se destacou, já que as fotos das crianças tanto corroboraram as observações iniciais das participantes quanto as levaram a reconsiderar algumas de suas impressões anteriores. Dessa forma, as imagens atuaram como mediadoras potentes no processo de reflexão, permitindo que as participantes revissem e refinassem suas percepções sobre os espaços e o uso dos materiais pelas crianças.

PERSPECTIVAS SUSCITADAS PELA FOTO-ELICITAÇÃO

> “Riscamos traços ou estampamos a palma das mãos nas paredes de nossas cavernas para assinalar nossa presença, para preencher um espaço vazio, para comunicar uma memória ou um aviso, para sermos humanos pela primeira vez”
> (Alberto Manguel, 2001)

Até o momento, refletimos sobre o conceito de ateliê e os propósitos desse espaço, sua organização e materiais que o compõem. Passamos pelas entrevistas com as participantes da pesquisa, entendendo o que ocorreu em cada momento e vislumbrando como o espaço físico se organizou, tendo como base o Croqui inicial, e como as crianças ressignificaram e se encontraram nesse espaço. Agora, dando continuidade à pesquisa, apresentamos as perspectivas suscitadas pela foto-elicitação, organizadas e apresentadas por meio do Croqui final.

Uma das afirmações mais significativas de Manguel (2001, p. 28), que orientou a construção deste trabalho, sintetiza que “construímos nossa narrativa por meio de ecos de

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

outras narrativas" e, além disso, "por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho". O autor ainda reflete sobre o impulso humano de marcar presença, de deixar um rastro que comprove que, em algum momento, estivemos ali, um tema que ecoa nas narrativas e na epígrafe desta parte do texto. Essas reflexões suscitam questões importantes: de que maneira podemos marcar a presença das mãos que ajudaram a construir este trabalho? Como podemos apresentar e representar, de forma significativa, as quatro professoras que generosamente partilharam suas histórias, seus conhecimentos, suas dúvidas e suas reflexões ao longo do processo?

Inicialmente, pensamos em registrar as entrevistas realizadas e integrar essas imagens ao trabalho. Contudo, essa ideia foi superada pela percepção de que um registro igualmente significativo e que melhor sintetizaria a contribuição dessas professoras seria a apresentação do croqui final. Esse croqui foi construído com base nas observações, sugestões e questionamentos feitos por elas durante as entrevistas, tornando-se, assim, uma representação visual e tangível das suas vozes e experiências.

Em vez de focar apenas no produto final, como abordado por Carvalho e Immianovsky (2017), optamos por adotar uma abordagem que considerasse também o processo de construção coletiva e dialógica, refletindo as contribuições das professoras em cada etapa. Nesse sentido, recuperamos a colocação de Tourinho (2012, p. 236), que afirma:

> Flexibilidade, sensibilidade, abertura, disponibilidade, despojamento e amor pelo conhecimento não liberam o/a pesquisador/a da necessidade de clareza na formulação do problema/questão, da articulação entre as diversas etapas da investigação, do aprofundamento na descrição das situações de pesquisa e do detalhamento dos procedimentos de coleta de dados.

Assim, apesar de o processo ter envolvido uma escuta atenta, sensibilidade e empatia para captar o que as professoras expressaram, decidimos centrar o foco no principal objetivo deste trabalho: a reorganização do espaço do ateliê, realizada sob a perspectiva da foto-elicitação. Essa escolha reflete a importância não apenas do produto final – o croqui do ateliê –, mas também do processo participativo, que trouxe à tona as vozes e percepções das professoras e, através das imagens, nos permitiu aprofundar o olhar sobre o cotidiano escolar e suas múltiplas camadas de significado.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

Imagem 13: Croqui final



Fonte: Elaboração das autoras (2021)

O convite feito às professoras entrevistadas foi além de uma simples "conversa entre amigas". As participantes aceitaram o desafio de se deixarem conduzir pelas imagens expostas, permitindo-se perder nos detalhes, mudar o foco do que estava no plano principal e olhar além da superfície. Elas abraçaram a proposta de refletir criticamente sobre o espaço escolar a partir dessas imagens. Filho e Berino (2014) sugerem que as imagens do cotidiano escolar podem revelar mais do que simples registros visuais; elas transparecem parte da "rede de culturas" que sustenta a escola. Dessa forma, as imagens apresentadas às professoras geraram questionamentos profundos sobre a cultura escolar e as práticas pedagógicas em vigor na instituição, levando a uma análise mais ampla do ambiente educacional.

Essas questões, que emergiram a partir das imagens, foram cruciais para a elaboração de sugestões e propostas concretas. Um exemplo significativo surgiu quando uma das professoras questionou a ausência de brinquedos estruturados de plástico – materiais que, tradicionalmente, são doados e frequentemente presentes nas escolas. Em resposta, expliquei que esses materiais estavam disponíveis, mas não foram inseridos no espaço do ateliê devido à proposta pedagógica que rege o lugar, a qual privilegia outros tipos de materiais mais flexíveis e criativos. No entanto, esse questionamento provocou uma reflexão interessante e um diálogo aberto sobre a função e o potencial desses brinquedos dentro do ateliê.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

Após uma longa discussão, uma das professoras sugeriu integrar esses brinquedos ao ateliê, justificando que, dada a escassez de materiais e o caráter inclusivo do espaço, essas estruturas poderiam ser ressignificadas pelas crianças. Ela argumentou que, ao considerar as diversas possibilidades criativas que o ateliê proporciona, o potencial inventivo das crianças provavelmente não se limitaria às regras tradicionais que normalmente regem o uso de brinquedos estruturados. Essa sugestão destacou a importância de repensar o papel dos materiais disponíveis, propondo que o ateliê poderia acolher uma maior diversidade de recursos sem perder sua essência criativa e investigativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das entrevistas realizadas com as quatro professoras participantes, diversas questões cruciais sobre a implementação e o uso do ateliê na escola foram levantadas. As professoras discutiram temas como o surgimento da ideia do ateliê, os métodos de arrecadação de novos materiais, as formas como as crianças ocupam os espaços e ressignificam os materiais disponíveis, e o papel das professoras como mediadoras no processo de descobertas das crianças. Essas questões emergiram naturalmente das práticas cotidianas na escola e ilustram como o espaço do ateliê pode ser transformador tanto para as crianças quanto para as educadoras.

A ideia da criação de um ateliê nasceu dentro do projeto Pedagogias Participativas em Ação, uma iniciativa que envolveu uma parceria entre um grupo de pesquisa e uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da região Sul do Brasil que não aderiu ao uso de livros didáticos. Nos semestres de 2021/2, 2022/1 e 2022/2, a equipe da EMEI participou de um processo formativo focado em pedagogias participativas, que resultou no reconhecimento da necessidade de um espaço criativo como o ateliê para apoiar essas novas práticas pedagógicas. Assim, a decisão de criar o ateliê foi resultado de uma demanda direta da escola, fruto do engajamento de suas professoras e funcionários.

A partir daí, iniciou-se um processo colaborativo de construção da proposta do ateliê. Foram elaborados croquis do espaço, realizados levantamentos com professoras, auxiliares e demais funcionários sobre suas expectativas para o ambiente, e promovidas campanhas de arrecadação de materiais. Toda a comunidade escolar e acadêmica envolvida no projeto participou ativamente, doando tempo e recursos para a montagem do ateliê. Esse processo de co-construção foi tão significativo quanto o resultado final, fortalecendo os laços entre os

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

envolvidos e ampliando o sentimento de pertencimento ao projeto. As fotos tiradas durante o processo e no resultado final do ateliê são repletas de significado. Elas representam não apenas o trabalho físico, mas também as histórias, as narrativas e o envolvimento pessoal daqueles que colaboraram. Cada imagem carrega o potencial de contar uma história sobre as mãos que ajudaram a moldar aquele espaço.

A metodologia da foto-elicitação foi utilizada para documentar e refletir sobre o desenvolvimento do ateliê, permitindo que as professoras interpretassem e discutissem as imagens do cotidiano da escola e as implicações dessas transformações no ambiente escolar. O tempo dedicado à observação e reflexão sobre as imagens foi fundamental para que as professoras pudessem identificar elementos e ideias que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Ao final desta etapa do projeto, percebemos que a foto-elicitação mostrou-se não apenas eficaz como metodologia, mas também um recurso poderoso para acessar nuances da formação estética que permeiam a prática docente. Ela possibilita que as imagens do cotidiano sejam entendidas como parte do processo formativo, conectando as experiências individuais às reflexões coletivas. Este método sinaliza, portanto, um caminho promissor para as entrevistas que pretendo conduzir na minha dissertação de mestrado, uma vez que se alinha perfeitamente com a proposta de investigar a formação estética na construção da identidade docente.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. Las subjetividades en la era de la imagen: de la responsabilidad de la mirada. *In:* Dussel, I. y Gutierrez, D. (comp). **Educar la mirada.** Políticas y pedagogía de la imagen. Manantial/Flacso, 2006.

BANKS, Marcus. **Dados Visuais para pesquisa qualitativa.** Artmed: Porto Alegre, 2009.

CARVALHO, Carla; IMMIANOVSKY, Charles. **PEBA:** a arte e a pesquisa em educação. Revista Reflexão e Ação, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louis; SCHWALL, Charles (org.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração em Reggio Emilia.** Porto Alegre: Penso, 2019.

MANGUEL, Alberto. o espectador comum a imagem como narrativa. *In:* MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TOURINHO, Irene. Imagem, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. *In:* R. Martins, & I. Tourinho (Orgs.). **Culturas da Imagem:** Desafios para a arte e a educação. Editora da UFSM. 2012.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i3.16

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles. Na vida ordinária das escolas, as grandes proezas: pesquisar entre narrativas e imagens. *In:* OLIVEIRA, I.B.; GARCIA, A. (Org.). **Aventuras de conhecimento:** utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional